

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

3

A LBV de Alziro Zarur



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R.J.**

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 3

FREI BOAVENTURA, O.F.M.

A LBV de Alziro Zarur

1960

**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS RJ**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-5-1960.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A RAZÃO DESTAS PÁGINAS

Na noite do dia 14-6-59 o Sr. Alziro Zarur anunciou pela Rádio Mundial que a LBV («Legião da Boa Vontade») já tem mais de 300.000 legionários inscritos, dos quais 150.000 se dizem católicos, 60.000 espíritas, 15.000 umbandistas, 10.000 evangélicos, 30.000 livres-pensadores, «e o resto é salada». Mais ou menos a metade, pois, ainda faz questão de dizer que continua católica. E' a esta porção católica da LBV e aos outros católicos que ainda poderão ser colocados diante da LBV, que se dirige o presente opúsculo. Queremos dizer uma palavra de esclarecimento e orientação. Precisamos chamar a atenção dos católicos para certos aspectos da LBV. Muitos, não temos dúvida, entraram na LBV com a mais louvável das intenções. Desejavam apenas ajudar para o bem de todos. Talvez, pouco a pouco, entrasse nêles a dúvida. À medida que iam escutando as palavras do Presidente Nacional, que tôdas as noites lhes fala durante duas horas, foram se apercebendo que a LBV, além da businada sopa para os pobres, quer mais: quer «restaurar o Cristianismo»...

Mas não era fácil orientar os católicos. Zarur não escreve livros. Zarur não gosta de consignar suas idéias por escrito, prêto sôbre branco, bem definidas, claras e definitivas. «Livro para quê?», exclama êle na noite de 6-4-59; e declara: «A LBV

não tem livro». Noutra noite informa: «A campanha da LBV foi sempre feita de improviso. Vai de coração para coração. Eu ensino o que os livros não têm. Os livros trazem tanta confusão...» (5-7-57).

Por isso era difícil orientar sobre a LBV. Mas descobrimos um confrade que resolveu fazer penitência. Ia exercitar-se na virtude da paciência. Não encontrou coisa melhor e mais apta do que escutar, noite por noite, as arengas do Sr. Alziro Zarur. Com lápis na mão, caderno diante de si, foi escutando e anotando. Tantas anotações fez que encheu, até agora (março de 1960), exatamente 19 cadernos de 200 páginas. Ao todo 3.800 fôlhas escritas, com anotações exatas das «zaruradas» (como êle diz), com indicação de dia, mês e ano. Não podia haver fonte mais limpa e mais segura. Pedimos a Frei Vicente Borgard, O. F. M., nosso herói da paciência, a licença de passar uns dias enfurnado nas abundantes «zaruradas» de seus 19 cadernos. E quanto mais penetrávamos naquele mundo de confusão e contradição, mais nos convencíamos da inutilidade de tomar tudo aquilo a sério. Não valia a pena. Zarur não era nenhum problema para teólogos. Mas era caso interessantíssimo para um psiquiatra. Se, não obstante, com êle nos ocupamos, não foi por causa dêle, mas por causa dos 150.000 legionários que se dizem católicos; e por causa dos muitos outros, católicos também, que poderiam entrar em contacto com êle...

ZARUR: «EU NÃO SOU DÊSTE MUNDO».

O Sr. Alziro Elias David Abraão Zarur nasceu no dia 25 de Dezembro de 1914, no Rio de Janeiro, filho de Elias David e Assma Zarur, de família

ortodoxa. Mas êle mesmo não dá nenhuma importância aos dados de sua atual existência terrestre. «Jesus — diz êle no dia 4-8-57 — não entregou a Legião a um boboca qualquer. O homem que está à frente tem muitas reencarnações nas costas». Numerosas vêzes já aludiu à sua misteriosa e longínqua origem: «Eu não vim do Rio, nem de Niterói. Que saudades que eu tenho da pátria donde vim! Lá não há nada disso, nem brigas, nem perseguições» (21-4-58). E outra vez: «Eu não sou dêste mundo. Vim para me sacrificar. Às vêzes sinto uma grande saudade da pátria verdadeira... Eu não sou dêste mundo. Eu estranhei tanto êste planêta, com tanta maldade, tanta briga, tanta selvageria, tanta baixeza, tanta perseguição religiosa... Eles me odeiam porque não sou dêste mundo. Graças a Deus, não sou daqui, nem de Niterói. Onde eu vim não há imprensa cloaca, não há êste humorismo sujo, esta canalhada, não há nada de bobagem. Ah! se eu pudesse falar-r-r! Ui! eu não sou daqui». E no dia 22-1-58: «Eu posso dizer com Jesus: Eu vim do alto! Vós sois cá de baixo; eu sou lá de cima!» Aos repórteres de jornais e revistas, fêz saber que êste «outro mundo», donde veio, é o planêta Marte...

Mais de uma vez, entretanto, insinuou ser êle mesmo o próprio Jesus. Eis alguns exemplos: «Quem duvida de mim duvida de Jesus. Quem duvida de Jesus duvida de mim. Porque *nós dois somos um!*» (3-3-58). «Mereço que vocês me recebam como um anjo de Deus, como o próprio Cristo» (22-1-58). «Eu vivo no Cristo, e Cristo vive em mim» (3-6-57). Ou então, no dia 10-9-57: «Não souberam até hoje que o espírito de Cristo está em mim? Já repararam? A minha vida é uma miniatura da vida de

Jésus. Ah! se eu pudesse falar! Um dia vou falar. Brevemente. Jesus disse: Eu e o Pai somos um. Eu digo: Eu e Jesus somos um!» — Outras vezes, todavia, diz-se «estafêta de Jesus», «enviado de Jesus», «apóstolo de Jesus», «pedaço de Jesus,» «alto-falante de Jesus».

Conforme o dia e a oportunidade dirá que é sacerdote ou que não é sacerdote. Pois dá tudo no mesmo. Assim no dia 3-3-58: «Eu não sou sacerdote, mas vivo mais puro do que muitos sacerdotes»; ou então: «Eu não sou sacerdote, Jesus também não o era» (6-12-57); «não sou sacerdote. Para quê? Não quero ser» (24-1-57). Em outras oportunidades dirá exatamente o contrário: «Deus sabe que sou um sacerdote como poucos há no mundo, talvez não cheguem a dois! Eu sou sacerdote à paisana» (22-1-58); «ninguém é mais sacerdote do que eu (repete três vezes). O sacerdote não se faz pela roupa, mas pelo espírito» (31-1-58). E ainda: «Eu sou sacerdote à paisana. Não uso batina, não tenho aquela coisa na cabeça. Mas sou sacerdote» (17-8-58).

Raras vezes dirá que é pecador: «Se alguém fôr sem pecado, mandem-no para a Avenida Rio Branco, para a feira de amostras» (3-5-57). Mas inúmeras vezes insistirá na sua inocência e santidade: «Eu tenho uma vida pura. Posso falar com autoridade. Eu não tenho tempo para pecar. Meu tempo está todo tomado» (14-3-57). «São Paulo podia dizer: Sêde meus imitadores. Eu também posso dizer a cada legionário: Sê meu imitador! Não há ninguém, não há sacerdote que mais renunciou ao mundo do que eu. Falo com a Bíblia na mão» (9-1-58). «Sou capaz de ficar quatro horas em oração, imóvel. Não há mais desprendido

como eu. Também não há mais velho do que eu: sou da idade de Matusalém» (7-1-58; três dias antes havia dito: «E' porque sou muito velho. Duvido que haja pessoa mais velha no Brasil»). Com a mais tranqüila consciência exclama no dia 12-11-57: «Deus conhece o meu desprendimento, a minha santidade»; e no dia 24-10-57: «Deus sabe que sou puro, que sou limpo. Nada me acusa»; e no dia 27-12-57: «Deus sabe que sou inocente; isto me basta». «Eu posso enfrentar os olhos de Jesus com a Bíblia na mão. Ninguém pode ser mais fiel a uma obra do que eu. Eu posso dizer com São Paulo: E' Cristo que vive em mim» (4-10-57). «Eu vivo em absoluta castidade» (28-4-58). «Graças a Deus, estou bem adiantado de ver Deus face a face» (11-4-57). E, afinal: «Zarur é o mais fiel cumpridor das leis divinas» (6-11-57); «eu posso dizer: Estou cheio do Espírito Santo» (17-6-58). «Respeitem êste homem de Deus!» (9-1-58). «Se não existe o mal em Deus, como pode existir em mim?» (4-3-58)... Assim, tôdas as noites, Zarur fala doentiamente de si, sempre de si, só de si.

Donde recebeu o Sr. Zarur sua missão? Ainda neste ponto êle é claro e insistente: «Quem me escolheu para apóstolo foi o próprio Deus» (29-12-57); «quem me deu as credenciais foi Deus por Jesus Cristo» (26-12-57). «Eu tenho as credenciais que Deus me deu. Queixem-se com êle!» (6-11-57). «Aquêle que fala aqui não precisa dar conta a nenhum representante de Deus. Representante de Deus é Jesus só!» (29-3-57). «Pobre apóstolo sou eu; não feito por homens, mas diretamente por Jesus» (11-1-58). «Quem não é por mim é contra mim. Eu tenho de dizer a verdade. Esta é a ordem que recebi. Para restaurar a verdade, eu fui es-

colhido. Eu não digo tudo, não por medo, que não conheço, mas porque não chegou a hora...» (5-12-58). «Antes Jesus estava engavetado. Agora fala por mim!» (9-2-60). «Êles falam difícil para que o povo não entenda. O diabo os carregue! Mas eu quero que o povo me entenda e se salve. Esta é a minha missão» (23-1-60).

Aliás, parece-lhe facilímo provar a autenticidade de sua missão. Pois: «se não recebo ordens de Jesus, de quem as recebo?» (22-3-58)... «Se não fôsse sincero, Deus não me ajudaria!» (3-2-57). Ainda mais: «Até hoje ninguém me ensinou que estou errado» (24-12-57). «Nunca ensinei um êrro sequer. Desafio que me provem alguma coisa errada» (7-1-58). E por quê? «Deus nos tem dado dupla visão, para que não erremos» (26-9-57). «O Presidente da LBV não tem o direito de errar! Quem dirige a LBV é Jesus, rodeado duma falange de espíritos. E' pena que vocês não podem ver!» (28-8-58). No mais: «Nós estamos aqui para dar o Evangelho purinho, limpinho, como Cristo o deu» (7-9-57).

Ao mesmo tempo não lhe custa exclamar: «Nunca tive o sentimento de orgulho, de vaidade, de presunção...» (11-9-57); «nunca disse uma contradição» (12-5-58).

Se constantemente se apresenta nestes têrmos, compreende-se o fanatismo que tais palavras produzem na mente do povo simples. O próprio Zarur divulga tôdas as noites as numerosas cartas de louvaminhas e adulações que forçosamente há de receber. Aí é cantado como o novo apóstolo de Jesus, o enviado de Deus, o veículo de Deus na terra, o maior homem da terra («desde N. S. Jesus Cristo jamais apareceu um homem na terra como o ir-

mão Zarur»), o apóstolo de Jesus em terras brasileiras, a trombeta de Jesus a reunir seus filhos, o missionário divino, o instrumento maior que na terra foi escolhido, o único caminho para chegar a Jesus, o perfeito guia espiritual dos pobres, o seguro intérprete das verdades evangélicas, o verdadeiro santo, maior do que Aristóteles, o maior alfabetizador espiritual das massas... Na noite de 18-12-59, com voz comovida, Zarur leu o seguinte trecho duma carta: «Bem-aventurada a mãe que deu à luz êste homem que veio ao planêta para ensinar o santo evangelho em espírito e verdade, que ninguém soube ensinar até hoje; e ensinar as grandes verdades, especialmente a reencarnação». Ao que Zarur comentou: «E' verdade. Eu tenho a obrigação de pregar as verdades, doa a quem doer».

A LBV.

Na revista *Boa Vontade* Nº 1, p. 19, o Sr. Alziro Zarur descreve assim o início da Legião da Boa Vontade (LBV): «Uma noite, assistindo a uma sessão na FEB [Federação Espírita Brasileira], a saudosa Dona Emília, com aquêles seus cabelos brancos e seus olhos tão doces, não tirava o seu olhar de mim. No fim da reunião, chegou-se a êste soldado de Cristo e disse: — Meu irmão, São Francisco de Assis está aqui a seu lado e lhe manda dizer que é chegada a hora de começar. — E foi assim que se iniciou em baixo o que estava, há muito iniciado em cima».

Zarur insiste neste ponto: «A LBV é realmente uma inspiração de Deus e de São Francisco» (29-5-59); «a LBV nasceu de Deus como o Cristianismo nasceu de Jesus» (6-11-57). E na noite de 3-12-59: «A obra da LBV é de origem divina. Af

está. Contra os fatos não há argumentos». Mas não nos diz quais são os fatos. Isso, entretanto, não impede esta outra afirmação, não menos categórica de 29-5-59: «Eu inventei a LBV». Mas a 1-2-60 pode outra vez proclamar: «A LBV não nasceu no mundo: já há muito tempo estava nos planos de Deus». Talvez tudo se esclareça, quando chegar aquêlê dia do qual falou na noite de 29-5-59: «Um dia eu lhes contarei a história secreta da LBV»...

São freqüentíssimas, nas arengas noturnas da Rádio Mundial, generalidades como essas acêrca da LBV: «A LBV é a maior obra de todos os tempos» (27-11-57); «a LBV é o Cristianismo de Cristo restaurado» (26-1-57); «a LBV restaura o Cristianismo primitivo» (26-9-59); «a LBV soluciona todos os problemas e salvará o Brasil» (9-11-59); «a LBV se construiu na rocha da verdade» (29-5-59); «a LBV apresenta a verdade integral como nunca fêz uma religião até agora» (9-11-59); «a maior obra do mundo é a LBV» (24-12-59); «o irmão Zarur passa, mas a LBV não passará: ela é eterna com Deus» (29-5-59); «a LBV é o evangelho da imortalidade» (9-11-59); «a LBV prega o Evangelho em espírito e verdade, sem véu» (26-11-59); «a LBV segue exatamente o caminho de Jesus» (14-10-59); «Jesus não podia dar tudo,... mas a LBV dá tudo em espírito e verdade» (10-12-59); «a LBV restaurou a verdade» (2-1-60); «a LBV está em conformidade com as encíclicas dos Papas!» (1-2-58); «até o Papa João XXIII já provou que a LBV está certa» (2-4-59); «quem pertence à LBV já está salvo. Contra fatos não há argumentos» (27-12-59); «a LBV traz a verdade integral, sem deturpação» (7-7-58); «a LBV é a doutrina mais avançada do mundo» (30-11-59).

«Arranjem uma doutrina melhor do que a LBV! — Não há!» (22-11-59).

«Tudo até aqui estêve errado» (30-11-59). E, admirado: «Quantos séculos foram precisos para restabelecer a verdade!» (13-4-58)...

E' OU NÃO E' RELIGIÃO?

Incoerentes e contraditórias são as afirmações do Sr. Zarur com relação à religião. Uma vez declara que tôdas as religiões são hipócritas e só interessam aos fanáticos e débeis mentais, outras vezes sustenta que tôdas as religiões são boas e necessárias; por vezes repete que Deus não quer religião nem tem religião, e por vezes insiste exatamente no contrário; há dias em que grita que Jesus não fundou religião nenhuma, e há dias nos quais ameaça aquêles que não querem seguir a religião de Cristo; numa hora xinga tôdas as religiões e zomba de todos os que têm religião, noutra exalta as religiões e dá vivas aos católicos, aos protestantes, aos espíritas, aos umbandistas e aos budistas; numa semana diz que a LBV não tem religião, noutra proclama que tem a religião das religiões. Eis algumas amostras: No dia 3-11-57 declara: «A religião é coisa que menos importa, como Deus não se incomoda com a religião»; já no dia 20-1-60 insiste: «Tôdas as religiões são necessárias. Deus pensa assim e nós também. Quem pensa de outro modo é contra Deus e contra o Brasil». No dia 31-10-59 ensina: «Tôdas as religiões foram criadas pelo homem e só servem para brigar»; e logo no dia seguinte anuncia: «Tôdas as religiões existem pela vontade de Deus: tôdas são úteis». No dia 4-6-57 exclama: «O que menos

interessa a Deus é a religião de qualquer que seja»; mas na noite de 1-11-57 pontifica: «Deus não tem religião, mas quer que todos tenham uma religião». Há dia em que proclama: «Para ser perfeito não é preciso ter religião. Eu conheço ateus que são mais perfeitos do que muitos religiosos» (13-4-58). E para atrapalhar os católicos pergunta na mesma noite: «Deus tem religião? é católico? vai se confessar?»

O mais crasso indiferentismo religioso: eis uma das teses fundamentais e mais vêzes anunciadas por Alziro Zarur. Bastam alguns exemplos: «Qualquer religião serve. Está na cara!» (13-4-58). «Na LBV não há fiel de cabresto. Cada um crê o que quer. Cada um escolhe a religião que o coração pedir» (27-11-59). Para Zarur a religião não é uma questão da inteligência, mas só da vontade («cada um crê o que quer») e do coração («cada um escolhe a religião que o coração pede»). E ele é ainda mais explícito: «Ter uma religião é a mesma coisa que gostar dum clube de futebol. Só num país medieval é preciso ser muito bur-r-r-ro, bur-r-r-rão...» (30-6-58). E noutro dia, falando da religião fundada por ele, Zarur, declara: «A nova religião reconhece que tôdas as religiões são para o bem do homem. Se quer macumba, meu filho, vai! Tôdas as religiões são cristãs. Há religiões mais evoluídas e mais atrasadas. O homem burro escolhe uma religião mais burra, medieval, atrasada. O homem inteligente escolhe uma religião que corresponda mais ao próprio desenvolvimento. Compadre, onde você viu uma religião mais ampla do que a nossa?» (16-11-59). Não há; não pode haver... Está na cara.

A NOVA RELIGIÃO

Já no dia 23-1-57 anunciava Alziro Zarur: «Recebi diversos pedidos de fundar uma religião. Vocês querem uma religião? Escrevam ao Irmão Presidente». E no final daquela noite pediu adesões para fundar uma nova religião. Mas a LBV e seu Presidente Perpétuo continuavam indecisos. Um dia sim, outro dia não: «A LBV não adota nenhuma religião. Não tem religião, como Deus também não tem» (24-1-57); meses depois: «A LBV é a religião das religiões, a religião do futuro» (28-5-57); meses adiante: «A LBV não tem religião» (4-10-57); mais tempo passa: «A LBV é a verdadeira religião. Esta foi fundada por Jesus; as outras foram fundadas pelos homens» (26-10-59); «a LBV é a religião verdadeira» (7-8-58); dias depois: «A LBV não é religião, nem tem religião»...

E' ou não é? Tem ou não tem?

Afinal a coisa ficou mais clara. Inesperadamente o Sr. Alziro Zarur convocou para o dia 5-9-59 a Assembléia Magna Extraordinária da LBV. Foi então fundada e proclamada a nova religião da LBV. Chamar-se-ia Religião do Novo Mandamento, baseada em Jo 13, 34: «Um mandamento novo vos dou: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei».

Fôra a descoberta! Desconhecendo ou ignorando totalmente a ação social e caritativa da Igreja, declarava Zarur: «O novo mandamento ficou quase dois mil anos encerrado na Bíblia» (27-9-59); «faz dois mil anos que tantas verdades ainda são ignoradas, como a religião do novo mandamento» (11-9-59). Nem um mês antes visitara, em companhia do Sr. Eurípides Cardoso de Meneses, numerosos institutos católicos de caridade. «As obras da Igreja são admiráveis; talvez nem os próprios católicos as

conheçam», exclamara na noite de 21-7-59. «Eu tenho visto tanta coisa bonita!» E perguntava: «Por que a Igreja Católica, que faz tanta caridade, não anuncia isso ao mundo?» — Nem vinte dias depois, desanimado, lamenta: «Ninguém faz caridade; o novo mandamento de Jesus ficou encaixotado na Bíblia».

Mas Zarur é nacionalista: «O Brasil está ainda debaixo do domínio estrangeiro. Precisamos duma Religião Nacional, que é a LBV, a Religião do Novo Mandamento... Quem é contra a LBV quer um Brasil escravo, com fome» (30-11-59); «não há outra solução: a única religião nascida no Brasil é a Religião do Novo Mandamento. As outras vieram de fora» (11-11-59). O petróleo é nosso!

A nota oficial da Assembléia Magna de 5-9-59, dia da fundação da nova religião, foi divulgada pelo Sr. Zarur na noite de 9-9-59. Conservamos a nota gravada em nosso arquivo: «... A LBV e seu Presidente Alziro Zarur não poderão, portanto, em virtude do próprio caráter da Instituição, filiar-se ou subordinar-se a qualquer religião das existentes, mas reconhecendo e louvando o respeitável empenho de cada uma delas na aproximação da criatura ao Criador, lealmente se declaram ambos aliados espirituais de tôdas as religiões no combate ao inimigo comum»... Pediu de todos os núcleos plenos poderes «para, se julgar necessário, como único meio de manter assegurado o amparo da lei, dar forma jurídica à religião que já vinha sendo simbolicamente praticada na LBV, com a Cruzada do Novo Mandamento, fazendo nascer assim a Religião do Novo Mandamento de Jesus».

Nos dias 18, 27 e 28 de setembro de 59 o Sr. Zarur revelou ainda os nomes da Diretoria da Nova

Religião: «O Presidente da Nova Religião é Deus. Jesus é o Secretário Geral. O Espírito Santo é o Administrador Geral, rodeado pelos Apóstolos e engenheiros inteligentes, os anjos. A Diretora Espiritual é Nossa Mãe Maria Santíssima. São Pedro é o Tesoureiro, encarregado por Jesus antes de subir ao céu. São Francisco de Assis, o Assistente Material. São Paulo, obras constitucionais. O homem não põe mão nesta obra, para não estragar».

O resto é com êle, Zarur, o Presidente Nacional e Perpétuo da LBV. No dia 27-12-59, revelando talvez um pouco da história secreta da LBV, fêz mais uma nomeação: «O Grande Arquiteto do Universo é o Supremo Comandante da Nova Religião».

Ficou ainda a questão do fundador da Nova Religião. «Dizem por aí que eu fundei uma nova religião. Não! Já existem tantas. Para que mais uma? Eu só declarei que a única religião que Jesus fundou é a do Novo Mandamento» (6-12-59). No dia 23-1-57 havia dito: «Jesus não fundou religião nenhuma». O mesmo Zarur que inúmeras vêzes repetiu que «Deus não tem religião» disse também: «A Religião do Novo Mandamento é a religião de Deus» (26-10-59). O mesmo Zarur que vêzes sem conta sustentou que foi Cristo quem fundou a nova religião, não êle, pergunta na noite de 16-11-59: «Então, o Zarur não tem fôrça moral para fundar uma nova religião?» Mas no dia 17-9-59 encontra outra fórmula: «A Religião do Novo Mandamento é tão velha como Deus. Zarur só a revelou pela infinita misericórdia de Deus»; e dois dias depois: «Jesus me entregou a missão do Novo Mandamento. Não digam que não foram avisados!» — Avisados de quê?

REENCARNAÇÃO, SIM!

Esta é a tese do Sr. Alziro Zarur, explicitamente formulada por êle no dia 28-11-59: «E' preciso ser muito bur-r-r-ro para não compreender que sem reencarnação não há solução. Deus devia ser muito bur-r-r-ró». E no dia 7-12-59: «Deus seria pior do que Lampião e Alcapone, se não houvesse reencarnação. Seria pior do que o maior bandido. Sem a reencarnação eu seria comunista, anarquista ou qualquer outra coisa».

«Eu tenho provas da reencarnação. Ela é de Deus. Ninguém me pode ensinar. A verdade fica de pé. Não queremos levar remorsos. Não queremos ofender a ninguém. Eu tenho de falar da reencarnação porque tenho prova dela. A reencarnação é uma lei universal, ensinada por Jesus e crida pelos judeus. Negar a reencarnação é jogar o mundo no caos. A lei da reencarnação explica tudo. Sòmente a lei da reencarnação restaura o sentido de muitas passagens da Escritura. Não quero ofender a ninguém; mas não posso deixar de falar do que vi e ouvi. E' crime pregar a verdade? Serei criminoso porque acredito na reencarnação? Cada um respeita a sua crença. Cada um pode escolher a sua crença. Há quem goste de chuchu com camarão, bife com batata frita. Vamos respeitar tudo. A reencarnação é uma lei natural, uma lei de Deus. Muitos não acreditam por causa da ignorância ou conveniência. A Religião do Novo Mandamento respeita a lei da reencarnação» (11-9-59). Eis uma posição clara e definida.

Pedem-se as provas e vem a história de João Batista que seria a reencarnação do profeta Elias. No dia 29-9-59 falou disso e exclamou: «Eu sei! Eu estava lá!» E berrando mais alto, repetiu: «Estava

lá!» E quando se recorda que o próprio João Batista, perguntado se era Elias, respondeu que não (Jo 1, 21), Zarur explica: «O corpo não era de Elias, mas o espírito!» (22-1-60). Outras provas foram dadas no dia 23-10-59: «Morrer nos seus pecados quer dizer reencarnar; ressuscitar no último dia: não precisa mais reencarnar!» Nem a passagem da epístola aos hebreus («está decretado que o homem morra uma só vez») aperta o Sr. Zarur: «Em cada vida a gente morre uma só vez!» (14-9-59). Ah! Aqui só se fala com a Bíblia na mão...

Há ainda outro argumento: «Reencarnação? Existe! E' lei universal. Se não existisse reencarnação Deus seria o mais estúpido, mais estúpido do que o mais estúpido do mundo [acompanhado de risadas estúpidas]. Se não quiserem acreditar, perguntem a Deus!» (26-10-59). Êste é o supremo recurso: Perguntem a Deus! E' tão fácil ter uma conversinha com Deus...

Mas Zarur é inclusive capaz de descer a minúcias, sempre com a Bíblia na mão, para armar arapucas das quais não tem saída. Na noite de 28-10-59 fêz a seguinte revelação: «São Francisco de Assis é uma das reencarnações de São João Evangelista! Que bombinha para muita gente». Provas? Perguntem a São Francisco...

RELAÇÕES COM O ESPIRITISMO

Convém acentuar o caráter nitidamente espírita da LBV. Já vimos como o início da LBV se deu numa sessão espírita, na própria sede da Federação Espírita Brasileira, mediante a médium Dona Emília Ribeiro de Melo. Logo no início, a revista *Boa Vontade* mostrou claramente as predileções es-

píritas de seu fundador e da LBV. Espíritas foram seus cofundadores. As publicações da LBV, particularmente as obras «psicografadas» por Hercílio Maes (com seu fantástico espírito «Ramatis»), eram nitidamente espíritas. A própria revista publicava com particular agrado mensagens «do além» (do «espírito Emanuel», de Chico Xavier) e fazia propaganda de livros espíritas. E' certo que Zarur nunca se sujeitou às determinações, normas ou exigências da Federação Espírita Brasileira; e que, portanto, não recebeu daquela parte nenhum apoio notório. Mas alguns chefes da Federação aderiram logo a LBV. Principalmente no interior do Brasil, em muitíssimos lugares, desde que surgiu a LBV, ela se apresentou quase em tudo identificada com o Espiritismo local. A maioria dos pequenos jornais espíritas do Interior continuam até hoje a fazer a defesa e a propaganda da LBV.

Por outro lado, para atrair também elementos fora do Espiritismo e tornar assim a LBV mais ampla e possibilitar um maior número de legionários, sobretudo para conseguir o apoio dos católicos, o Sr. Zarur procurou por muito tempo manter-se neutro nesta questão. Falava vagamente de um «espiritismo universal». «Eu quero o espiritismo que Jesus quer (sic!). Espiritismo é amor universal, infinito. O espiritismo não pode ser engarrafado» (15-6-57). No dia seguinte foi mais claro: «Minha religião é a do Espiritismo Universal». Na mesma noite proclamou que Allan Kardec «é uma das colunas da LBV». Depois da fundação da Religião do Novo Mandamento (5-9-59) e da proclamação da doutrina da reencarnação (que constitui o cerne da doutrina espírita ou kardecista), o Sr. Zarur abandonou sua atitude vaga e dúbia perante

o Espiritismo. «A Religião do Novo Mandamento restaura o Espiritismo Universal» (28-9-59). «Se um padre prega contra o Espiritismo, prega contra Jesus. Neste número está o nosso irmão Boaventura. Já está condenado! Coitado do Boaventura!» (9-8-59). «Fazer conferências contra o Espiritismo é tolice. O Espiritismo está errado?» (18-9-59). E, mais recentemente, no dia 19-2-60: «O Espiritismo oferece à humanidade o que há de mais puro na terra. Os espíritas são os mais caridosos. Eles ignoram se há dogmas, mistérios. Eles fazem da existência um apostolado sublime de caridade».

BOROCOXÔ DA BÍBLIA

O Sr. Zarur diz-se amigo da Bíblia. Tôdas as noites repete: «Aqui só se fala de Bíblia na mão!» Mas êle é inimigo declarado da letra da Bíblia. «Ninguém interprete a Bíblia segundo a letra!», adverte na noite de 30-5-59. Já no primeiro número da revista *Boa Vontade*, p. 19, ameaçava: «Não nos venham com traduções do latim, do grego ou do aramaico!» A letra mata: fora com a letra! «A verdade não está na letra: está *atrás* da letra» (26-7-58). «A Bíblia fala mais *entre* as linhas do que nas letras» (3-5-57). «Na Bíblia se deve ver o que *não* está escrito» (15-6-57). «Jesus disse: ainda há muitas outras coisas que não estão neste livro. Mas nós vamos revelar o que nunca foi dito. Prometemos dar o que os livros não têm» (13-5-57).

«E' esta a nossa missão: tirar o véu da letra. O Evangelho estava engavetado. Esclarecer o povo, livrá-lo da ignorância, esta é a minha missão. O Brasil é um país independente só pela metade» (1-12-59). «A Bíblia com véu não vale nada. E' preciso tirar o véu. Pois a letra mata!» (28-11-59). Os

padres têm a Bíblia, «mas não sabem explicar, não sabem tirar o véu, as teias de aranha. Todo o mundo lê a Bíblia e não sabe o que lê. Há tanta coisa para explicar; mas tudo tem a sua hora» (27-11-59). «A Bíblia com véu é uma tristeza. Aqui só se fala com o Evangelho na mão, mas sem o véu da letra que mata» (18-1-60).

«Aqui se prega o Evangelho puro sem as manipulações dos vendilhões. Durante dois mil anos o povo foi tapeado. O Evangelho estava engavetado... Agora o povo prega o Evangelho depois de desengavetado por mim, por ordem de Jesus» (11-1-60). «Jesus não podia dizer tudo; então mandou o seu estafêta [Zarur] pregar tudo. O Evangelho estava engavetado. Chegou a hora de desengavetar tudo» (6-6-58).

Zarur promete, por isso, dar o Evangelho trocado em miúdo, simples, purinho, limpinho como foi pregado há quase dois mil anos, em espírito e verdade, sem deturpações, sem fome, sem fedor de santidade, puro e sem as manipulações dos vendilhões, sem enxertos, sem interpolações, sem sectarismo, sem santarrões, sem falsa santidade, como nunca foi pregado, de modo que só um burro não entende. «Mas há cada bobalhão, idiota, borocoxô, pregando o Evangelho! Duvido que haja alguém que conheça melhor o Evangelho do que eu» (1-2-58). «Só agora, depois de dois mil anos, o povo está ouvindo o Evangelho puro. Os fariseus, escribas e doutôres da lei são contra mim, dizendo que não tenho autoridade para explicar o Evangelho. Ora, se Deus não tem autoridade, quem então tem?» (26-3-57). «Quem me deu credenciais? Foi Jesus! Queixem-se com êle! Eu estou a serviço de Deus. Quem me difamar vai contra Deus» (29-3-57).

«Estes que escrevem contra nós vão receber de volta. Esperem um pouco! Vão perder o seu latim. O povo sabe que a Legião é de Deus. Chega de bobagens, de venenos, de intrigas. Como é bom viver em Deus, com a consciência limpa» (9-7-57). «Eu prego o Evangelho como nunca foi pregado no mundo: limpinho, purinho. Quanto urubu aí dando palpites! O diabo vos carregue!» (2-5-58).

INFERNO, NÃO!

Inferno? — «Quanta gente boròcoxô! Acreditar em penas eternas! Onde já se viu? Então, estamos na Idade Média? Puxa! Cada burrão! Cada fariseu! Deus me livre dos intelectuais: como são confusos, atrapalhões. O' burríssimo amigo, ainda não entendeste? Vade retro! Cada bicho! Ah, se pudesse falarrrr! E olhem que aqui só se fala com a Bíblia na mão...» «Se me provarem que há inferno, eu deixarei de falar neste microfone» (5-9-58).

Explode assim, nestes termos, com esta valentia, quando Zarur se lembra de falar do inferno. quem acredita no inferno é borocoxô, imbecil, perversamente mau, balofo, medieval, burro intelectual, muito bur-r-r-ro, burrão, mau, ignorante, pior que víbora, cruel, pernóstico, bêsta quadrada, vingativo, charlatão, bicho, fariseu, burríssimo irmão, o diabo o carregue... «Então? Deus fez o inferno para torrar seus filhos? Para lançar seus filhos num caldeirão de fogo? Para fazer um churrasco eterno? Não é possível! Eu absolvo a todos. Inferno é bobagem, bobagem, bobagem, bobagem!» No dia 12-2-58: «Devia ser processado o homem que atribui a Deus o inferno. Como é que pode? Eu vou acreditar nesta crueldade? Gente que acredita nesta absurdo tem sentimento medieval. Eu

vou defender a Deus contra esta infâmia. 99% dos pregadores não sabem o Evangelho. São burros intelectuais que acreditam no inferno. Nem sabem onde é o inferno. Me digam e eu mando uma reportagem ao *Diário da Noite*. Eu acho até um crime de calúnia». «Para que serve a cabeça? Para pôr chapéu ou brilhantina? Quem prega o inferno é tão mau como êle mesmo. A vida já é um inferno: ruas com tantos buracos, falta de água. Ainda querem um inferno para tôda a vida? Eu não acredito que Deus é tão mau. Por que não consultam o Espírito Santo que nos guia? O Espírito Santo é a congregação das entidades celestes» (18-9-59). «Deus não criou ninguém para a perdição. Os donos da moral são geralmente os mais nauseabundos. Moralistas da cloaca! Olha seu rabo, macaco!» (26-5-59).

E assim continua o Sr. Zarur a gritar pelas ondas da Rádio Mundial aos seus milhares de ouvintes: «Ninguém vai para o inferno. Deus seria pior do que um homem mau. Todos se salvam. Nós não acreditamos no inferno» (17-11-59). «Só os maus acreditam no inferno, ou os muito ignorantes. Deus me perdoe!» (20-11-59). «Não acreditamos em penas eternas numa fornalha de fogo. Deus não pode ser tão ruim. Eu protesto em nome de Jesus contra esta ofensa a Deus. Protesto! Protesto» (27-11-59). «O inferno é aqui mesmo, minha gente, embora muita gente deseje um inferno mais caprichado. O que se faz aqui, aqui se paga» (27-1-60). «Não me mateis de rir. Ora, inferno! Quem admite o inferno é muito bur-r-r-ro ou bêsta quadrada. Não merece outro nome. Só almas infernais acreditam no inferno, almas muito más ou esperalhões» (28-12-59).

Argumentos? Mas Alziro Zarur não argumenta, nem dá para argumentar. Afirma, e pronto. E quando se lhe lembra que Jesus falou tantas e tantas vezes do inferno e com tanta clareza e insistência, êle responde: «Isso é perverter o ensino de Jesus» (23-1-58). E vem então com a história da letra que mata, da Bíblia sem véu, do «em espírito e verdade». São os refúgios constantes para todos os momentos que poderiam ser de apêto. Embrulha tudo, grita que só fala com a Bíblia na mão, arma uma arapuca e exclama: «Sai dessa! Não tem saída». E acabou o argumento. Ah! Tem mais um argumento: Jesus disse: «Não posso dizer tudo»; e logo Zarur acrescenta: «Agora chegou o momento de dizer tudo!» Jesus falou da fornalha inextinguível; Zarur explica: «Esta fornalha inextinguível é o fogo do amor. Sai dessa!» (31-12-57). Não tem saída... Outra vez exclama: «Não há eternidade de penas. Quem o diz não sou eu: é Jesus! Está no Evangelho» (4-5-58). Mas não nos cita a passagem do Evangelho. Deve estar entre as linhas, atrás do véu...

Sai dessa!

AMIGO DO DIABO

Chocante e contraditória é a atitude do Sr. Zarur perante Satanás. Por vezes declara que Satanás não existe: «Satanás não existe. E' a anedota mais absurda que se inventou (9-7-57); «eu tenho de dizer a coisa como é: Satanás não existe. Quem acredita em Papai Noel, em cegonha?» (2-5-58); «Satanás nunca existiu. Eu tenho provas disto» (14-7-58). Mas não nos revela as provas. Outras vezes fala do diabo com tanta naturalidade, como

se aceitasse sua existência. Exemplos: «Vamos ter pena de Satanás. Já fêz tantas diabruras, já sofreu tanto» (15-5-57); «coitado de Satanás! Devemos amá-lo, devemos ter muita pena dêle. Já está cansado de sofrer» (11-4-57); «Satanás vai ser salvo. Esta é a vontade de Deus. Não devemos seguir as doutrinas dos homens» (6-1-58).

Tão ampla e generosa é a Legião da Boa Vontade que proclama também boa vontade para com o diabo: «Nós temos boa vontade até com o diabo. Ajudemos o pobre Satanás. Ele precisa de nós. Satanás é meu bom amigo. Se viesse pagaria um cafèzinho para êle...» (29-3-57). Esta amizade muito particular para com o diabo é expressa inúmeras vezes. «Satanás é meu amigo. E' meu irmão!» (7-4-59). Alziro Zarur chegou mesmo a fazer o «Poema do Irmão Satanás», publicado por êle na revista *Boa Vontade*, de agosto de 1956, pp 6-7. Eis algumas estrofes:

E Lúcifer, com todo o seu quartel,
Me preocupou, de fato, muitos anos:
Quis até devassar os seus arcanos,
Aprofundando a história de Lusbel...

Se Deus sempre é perfeito no que faz,
E nada do que faz ao mal destina,
Por que odiarmos nós a Satanás
Se êle, também, é criação divina?

Amigos meus, oremos por Satã
Amemo-lo de todo o coração...

Por mim, com honra, eu amo a Satanás,
Meu pobre irmão perdido nos infernos,
Com êste amor dos sentimentos ternos,
Para que êle, também, receba a paz.

No dia 3-7-57 Zarur desenvolveu o seguinte raciocínio: «Satanás tem feito muito bem a vários, porque causa doenças e desgraças a muitas pessoas. Ora, essas pessoas buscaram socorro na LBV... Logo, Satanás faz benefícios»... Daí não tem saída...

LIQUIDIFICADOR DO CRISTIANISMO

Zarur não defende apenas a dissolubilidade e precariedade do matrimônio (o *divórcio*), mas chega a pregar abertamente o amor livre. Veja-se, por exemplo, esta tirada da noite de 19-12-59: «E' preciso tirar o véu da letra, porque a letra mata, diz São Paulo; aliás sai o negócio do inferno, a negação da reencarnação e o do divórcio. Eu sou divorcista. Jesus também era! Quando o casamento está errado, já está separado, já estão divorciados os dois. Cada um trate de si! Quando Deus não junta os dois pelo amor, já estão divorciados, já estão separados. Isto é a Bíblia sem véu. Por que continuar hipòcritamente?»

Na mesma noite foi além: «O casamento na Igreja vale nada diante de Deus. Os fariseus gritam: Ui! Ui! Ai! Ai! Os dois que se amam mùtuamente já estão casados! [é o *amor livre*] Eu casei... para dar a César o que é de César... Quem fala é um cidadão livre. Pode falar o que quiser. Quanta hipocrisia! O divórcio é uma coisa natural. Para que continuar, se os dois não se entendem? E' um inferno!» No dia 5-2-60 falou assim: «Jesus foi contra o divórcio. Casamento de amor, clandestino, dura eternamente, porque é casamento de Deus. Casamento feito pelo padre, com tôda a água benta, não adianta. Em matéria de casamento, eu tenho

uma bomba, uma bombona, para soltar. Mas não posso ainda...»

Zarur é também *iconoclasta*. Investe frequentemente contra o culto católico às imagens. Sempre, naturalmente, com a absurda suposição de que nós católicos adoramos as imagens. «De nada vale um culto exterior. E' fingimento. Os doutôres da lei abominam os ídolos, mas os adoram!» (12-7-58). «Eu prego o que diz a Bíblia. Deus proibiu expressamente ajoelhar-se diante de bonecos. Isto é idolatria» (23-6-58). Mas êle é particularmente contra o crucifixo: «Na LBV não queremos o Cristo crucificado. Os ladrões pensam que Jesus não pode fazer nada, porque está amarrado. Ninguém pode crucificar Jesus. Ah! se pudesse falar! Tudo tem sua hora» (26-7-58). «Nós não pregamos Cristo crucificado, derrotado, amarrado numa cruz: mas o Cristo glorificado que *nunca morreu*. Só a ignorância pensa isso. A LBV restaurou o Cristianismo. Deus ensina que, para ser bom, não é preciso ser religioso. Um ateu pode ser bom. Só os bons de tôdas as religiões se salvam. Se você quer uma coisa de Jesus, *joga êste crucifixo fora!* Como pode Jesus ajudar a você, estando amarrado?» (1-1-1959). «Há pessoas que gostam de contemplar a imagem de Jesus crucificado. Eu' não! Não posso ver Jesus crucificado, amarrado. Jesus nunca morreu! Jesus é sempre triunfante» (19-1-59). «Deus é espírito. O que anda por aí é boneco pintado. Deus é espírito. Chega de fetichismo e idolatria!» (9-1-59). — Mas na noite de 9-1-1960, nosso iconoclasta confessa: «O retrato de meu filho está aqui diante de mim. Tôda noite trabalho diante dêle»... Noutro dia um legionário de Cachoeiro do Itape-mirim pediu um retrato do casal Zarur-Iraci e

sugeriu a colocação dêste retrato em todos os núcleos. E o Sr. Zarur, com a Bíblia na mão, aconselhou um pouco de paciência, pois que iria providenciar (4-9-58). Bem escreveu São Paulo aos Romanos 2, 1: «Naquilo mesmo em que julgas o outro, a ti mesmo te condenas, porque fazes as mesmas coisas que julgas».

Quando tem oportunidade, Zarur aproveita para dizer ao povo que não acreditem na *confissão* e no perdão dos pecados. «Nenhum homem tem o poder de perdoar os pecados. Só Deus. Isto é um conto-do-vigário» (25-10-59). «Este sistema de perdoar é uma estupidez. Deus é justo. Deus não se deixa enternecer por lágrimas de jacaré» (13-11-59). «Deus sabe tudo! Viu tudo! Pra que dizer os pecados? O padre diz que perdoa os pecados; mas Deus diz que não!» (3-12-59). «Só Deus pode absolver e ninguém mais. Aqui vão roncar..., mas a verdade é esta» (28-10-59). «Ninguém pode perdoar pecados. Quem pensa que sim cai num conto-do-vigário. Eu estou avisando, para não passar por uma grande decepção na hora da morte: Oh! o Zarur tinha razão...» (30-10-59). «Ninguém pode perdoar. Nem Deus perdoa: dá a reencarnação» (13-11-59).

Bom discípulo de Allan Kardec, teria Zarur que investir necessariamente contra o *mistério* (naturalmente, sem saber o que é exatamente um «mistério»). De fato, na noite de 22-7-58 não se conteve: «Mistério! Ué! Chegou a hora de acabar com os mistérios. Pois atrapalham muito a vida humana. Ah! meu Pai do céu, dá-me paciência para suportas êstes borocoxôs! Vem lá um doutor da lei, dizendo: Quem te deu credenciais para pregar, hein?!» No dia 8-1-60 anuncia «o Evangelho explicado, sem o véu do mistério» e exclama: «Deus

nos livre do mistério!». Um mês depois identifica mistério com tapeação. «O povo quer entender. Já está farto de tapeações e mistérios» (8-2-60).

Como não há mistérios, também não pode haver *milagres*. «Não há milagres — insiste Zarur no dia 3-1-58. — Está tudo dentro das leis da natureza. Mas não posso falar ainda». No dia 29-4-58, doutrinando sobre o filho da viúva, ressuscitado por Jesus, declara Zarur que, «evidentemente, não estava morto. Jesus nunca foi contra as leis do Pai Eterno. Aparentemente estava morto». Mas ao mesmo tempo proclama que a LBV, sim, é que é autêntico milagre, «o maior milagre de Jesus em nosso tempo» (10-5-57). Quando, no dia 26-12-59, a senhora Maria Cunha, de Magé, R. J., comunica que seu papagaio ficou «milagrosamente curado pela água fluídica do Sr. Zarur», nosso fanático negador dos milagres falou comovido: «Sim! Esta água cura tudo!» Na noite de 28-12-59 Zarur contou a história dum milagre na LBV: «Um irmão sofreu de reumatismo, com resignação, mas bebendo, cada noite, a água milagrosa. E ficou curado. Contra fatos não há argumentos». — Pois é, Sr. Zarur...

Não sabemos se Zarur acredita em *profecias*. Mas o certo é que êle mesmo faz questão de profetizar, de predizer coisas do futuro. Êle insiste em dizer que apenas nos sobram 40 anos (certamente para chegarmos ao terceiro milênio): «Temos apenas 40 anos! Os maus vão ser varridos dêste planêta terra. Vão ser lançados na geena, onde há chôro e ranger de dentes. Na terra vão ficar os bons. O planêta terra vai ser promovido» (9-5-59). Dias depois veio com essa novidade: «Em 40 anos vai acabar o inferno!» (28-5-59). Zarur não gosta do clero: «Aproxima-se o fim do cleri-

calismo! O fim da exploração! Deus não tem representantes. Nunca teve representantes. Não precisa de representantes. Está chegando a hora da prestação de contas! O mundo tem ainda 40 anos para despertar. Quem fala aqui é amigo ou inimigo? Evidentemente, é amigo! Na Itália vai aparecer um chefe vermelho, vai aparecer um falso Papa. Dizem os representantes de Cristo: Zarur é um caso policial! — Vendilhões do templo! Vem fogo de cima para devorar-vos todos! Eu estou aqui como amigo para avisar, antes que seja tarde» (25-4-59). «Estamos na era apocalíptica! Estamos na era final! Ainda 40 anos! Ai daqueles que não estiverem na faixa divina!» (19-11-59).

Profetiza e *ameaça*: «Muito padre vai chorar lágrimas de sangue, quando souber que perseguiu o Cristianismo restaurado pela LBV. Todos os que combatem a LBV vão cair no duro, hão de cair cegos três dias!» (12-4-59). «Quem persegue a LBV vai ser castigado... apanha uma leprinha! Não digam que não foram avisados» (29-11-59).

NÃO CONHECE A IGREJA

Zarur odeia a Igreja e os padres. Enfurece-se, só com a idéia de uma autoridade eclesiástica. «Deus nunca fundou uma Igreja particular. E' uma interpretação errônea! Cada um é a igreja de Deus, quando está integrado em Deus. Aqui só se fala com a Bíblia na mão, sem véu, em espírito e verdade. Jesus não fundou Igreja alguma! E' o maior lôgro durante vinte séculos. Jesus fundou coisíssima alguma. Se tivesse fundado a Igreja, *eu devia estar lá!* Não! Não é verdade. E' ignorância! Os vendilhões do templo estão errados» (4-11-59). E outra vez: «Quanta ignorância! Há coisa mais ridícula

do que esta: Jesus fundou uma Igreja? *Eu estava lá!*» (8-11-59). E assim repete inúmeras vezes o mesmo chavão: «Jesus não fundou nenhuma Igreja». No dia 31-10-59 insiste: «Jesus não fundou uma Igreja. Não deu o poder de excomungar, de perdoar os pecados. Esta é a maior patranha! Não quero ter remorso de não ter avisado, quando chegar ao lado de lá. Por isso estou avisando! Não brinquem com as coisas santas. Eu estou dando a verdade integral. Jesus não fundou Igreja alguma. Quando chegar ao lado de lá verá. Eu estou avisando».

Durante alguns meses de 1959 Alziro Zarur namorou a Igreja Católica. Os jornais já anunciavam sua conversão. No dia 23-7-59 confessa candidamente: «Houve uma coisa curiosa na minha vida: o único reduto que eu não conhecia era a Igreja Católica Apostólica Romana... Estudei tudo, menos a Igreja Católica». Na noite anterior havia dito: «Estou tão alegre, tão contente, como nunca fui na vida. A única coisa que o irmão Zarur não conheceu foi a Igreja Católica. Falam e escrevem muita coisa contra a Igreja por ignorância. Não conhecem a Igreja. Ouviram dizer». E à medida que vai conhecendo, exclama: «A Igreja é uma coisa divina, grande» (13-7-59); «quanta calúnia aí fora contra a Igreja Católica Apostólica Romana!» (20-7-59); «quanta coisa boa tem a Igreja Católica e eu não sabia. Se a Igreja Católica Apostólica Romana não prestasse, como poderia estar de pé após dois mil anos, apesar de tantas perseguições?» (21-7-59); «eu tenho descoberto coisas maravilhosas na Igreja Católica Apostólica Romana, graças a Deus» (22-7-59). No dia seguinte diz que até já

aprendeu «que a Igreja não se intitula dona da verdade, mas serve da verdade».

Mas Zarur não se convenceu da fundação divina da Igreja: Não pode ser: «Eu devia estar lá!...» E fundou uma nova religião.

ANARQUIA E DITADURA

O Presidente Nacional e Perpétuo da LBV incita à anarquia e desobediência. Pede e implora aos católicos de não se guiarem pelas autoridades eclesiásticas. «Católico bom é aquele que raciocina e não vai pela cabeça do padre. Fiel de cabresto obedece e faz o que o padre manda. Fiel de cabresto faz: Upa, upa! Ah, se pudesse falar-r-r-r! Mas o Espírito Santo diz: Calma, Zarur, calminha! Às vezes estou com a língua ardendo...» (22-6-57). «Não se deixem guiar pelo cabresto de mestres espirituais» (16-8-57). «Não há coisa pior do que um país de fiéis de cabresto» (27-10-59). «O que é de Deus eu respeito, mas o que é dos homens eu não respeito, não. Fiel de cabresto faz o que o chefe diz: Upa, upa! Gente de juízo examina tudo, pensa, não vai pela cabeça dos outros. Cabeça não é só para brilhantina, para pôr chapéu, mas para pensar» (27-4-58). E assim fala seguidamente dos «fiéis de cabresto». Nega constantemente que os homens tenham o poder de legislar e afirma que não precisamos obedecer às leis humanas: «Temos de cumprir as leis de Deus, não as leis fabricadas pelos homens» (7-9-57); «só existe um poder, é de Deus; o poder dos homens nada vale» (29-7-57); «a religião verdadeira consiste no exato cumprimento das leis de Deus e não nas leis impostas pelos homens» (7-5-57). «O Brasil continua um país

de escravos. Enquanto continuar na dependência espiritual, o Brasil continua um país de escravos» (9-12-59). Mas no Brasil, «a maioria é carneirada» (7-9-57).

Entretanto, o mesmíssimo Sr. Zarur, que não quer «católicos de cabresto», que reclama liberdade absoluta e total para si e para os outros, quando fala da LBV e da necessária submissão dos legionários às suas próprias determinações, assume outro tom. Vejam ou ouçam: «Quem pensa de outra forma [que êle acabara de apresentar], pode virar as costas à Legião. Já vai tarde!» (6-8-57); «quem aqui não se comportar bem sai pela janela: rua!» (23-10-57); «quem quiser mandar aqui pode cantar em outra freguesia» (11-8-57); «nós precisamos de gente que quer trabalhar *sem condições*» (19-8-57). «Agora vamos começar a expulsar muitos demônios. Meu Deus, em Teu nome ordeno que saiam desta Legião todos os demônios» (19-7-58).

Quando o Sr. Cardeal do Rio declarou que os legionários seriam excluídos da Igreja, isto é excomungados, o Presidente da LBV ficou furioso e declarou que «na LBV não há proibição nem excomunhões» (25-10-59); disse mesmo que «legionário qualquer um pode ser, pode estar cheio de pecados: não expulsamos a ninguém, não excomulgamos» (31-10-59). Mas antes o mesmo Presidente havia dito: «Quem trabalha dentro da LBV não pode ser impuro, desonesto. Não tenhais comunicações com gente impura! Gente que quer fazer política num núcleo: pontapé nela! Chicote nela! E já e já. Fora com ela! Na LBV não há lugar para pernósticos, perturbadores da idéia de Deus!» (29-7-58). «Gente medrosa, covarde, se afaste de mim. Que o diabo a carregue!» (25-3-57). E ou-

tra vez, nada manso, nada tolerante: «O irmão Zarur não está aqui para agradar a ninguém. Quem não quer trabalhar pela LBV sai, sai pela porta, sai pela janela ou pelo telhado, mas aqui não fica. E' ordem superior!» (24-1-59). Meses depois dirá: «Nós não expulsamos a ninguém...» (31-10-59). Mas no dia 25-1-59 levantou a voz: «Legionário que procura seu interesse sai, sai já, já vai tarde!» E mais forte na noite de 21-2-59: «Nós não oferecemos flôres a ninguém, mas balas de canhão!» «O que é detrito não fica na LBV; o que é estêrco não fica na LBV!» (27-9-59). E outra vez: «Estamos com a verdade. O podre não pode ficar na LBV» (24-6-58). Já no dia 4-2-60 exclama: «Quanta gente borocoxô! Na LBV não há santarrões. Há uns crápulas que vão sair mais dia menos dia. Pois Deus não há de permitir que fiquem na LBV». Mas três dias depois passou a raiva, e o Presidente já se apresenta todo tolerante: «Qualquer pessoa, por mais perversa que seja, pode ser legionário»...

Às vezes parece que ele se apercebe das contradições sem-número. Mas tem logo desculpa à mão: «Dizem que eu sou incoerente, que me contradigo. Não! Eu sou antena. Eu sou a voz do povo. Ora sou sereno, ora sou severo. Quem não é por mim é contra mim. Eu tenho de dizer a verdade. Esta é a ordem que recebi. Para restaurar a verdade eu fui escolhido. Eu não digo tudo, não por medo, que não conheço, mas porque não chegou a hora» (5-12-58). Poucos meses antes tinha exclamado: «Chegou a hora de desengavetar tudo» (6-6-58). Chegou ou não chegou?

Contradição? Incoerência? — Zarur dirá: «Não!»; e continuará sereno no caminho da incoerência.

CELIBATO E CASAMENTO

No fascículo de outubro de 1956 da revista *Boa Vontade* o Sr. Alziro Zarur anunciou em primeira página: «Para ser digno de sua missão, o presidente nacional da LBV fêz três votos diante de Deus: 1) pobreza; 2) não política; 3) celibato. Já deu sua vida a Deus. E dará sua morte, se preciso fôr».

Mas já no início de 1958 o mesmo Sr. Zarur começou a falar de modo diferente. Assim, por exemplo, falou na noite de 4-2-58: «Não está na Bíblia que não é bom que o homem esteja só? Por que o sacerdote não casa? Eu não proíbo o casamento. Ah! se tivesse uma mulherzinha que me ajudasse na LBV, uma alma gêmea. A LBV vai ser santificada pelo casamento de seu Presidente. A mulher que me protege, protege a LBV». Era mais ou menos assim que chorava tôdas as noites, nos meses de janeiro e fevereiro de 58. No dia 1-3-58 veio a bomba: «Uma notícia! Hoje recebi comunicação do alto que me case! Veio a ordem que me case em benefício da LBV. Vou-me casar por ordem de Jesus, por amor à LBV. Eu preciso de uma companheira, uma alma gêmea. Por ordem de Cristo está revogado o meu voto de celibato. Eu cumpro ordens. Pois o meu casamento pode ser a dignificação, a santificação da LBV». Na noite seguinte continuou: «Deus fêz comigo como fêz com Abraão que teve fé: Não, Zarur, chega! Eu vou te dar uma companheira. Eu tenho fé como Abraão. Deus me desligou do voto de celibato». E na outra noite foi assim: «Jesus não precisa mais do sacrifício do irmão operário. O voto agora é desnecessário. Foi necessário para implantar a LBV. Agüentei oito anos. Chega!!! Quem revogou o meu

voto de celibato não fui eu: foi Jesus! Quem não acredita em mim não acredita em Jesus. O voto de celibato é bom para sofrer. E' contra a lei divina. E' uma lei imoral. E' desumano. E' uma imoralidade. Celibato é bobagem! Que mundo mais medieval. Estamos num país civilizado? Horda de imbecis, invejosos, pernósticos. Ah! se eu pudesse falar! Por que inventaram êsse celibato? a título de quê? Tôda a vida, por quê? Ué! então não posso casar? Não querem um zarurzinho bonitinho?» No dia seguinte Zarur continuou o desabafo: «Foi o próprio Jesus quem revogou o meu voto. Se não agrada, queixem-se com Jesus, não comigo. Quem me vai casar é o próprio Jesus. O presente que vou dar à minha espôsa é a morte ao mundo». No dia 5-3-58 declara: «Sou um homem normal. Jesus viu o meu sofrimento e, por isso, me libertou do voto de celibato». No dia 16-3-58 anuncia: «Agora, depois do celibato estou mais perto de Jesus», pois «o celibato é contra a doutrina de Cristo. Se não acreditam em mim, não acreditam em Jesus. Pois eu estou em Jesus!»

De fato, no mês de setembro de 1958, Zarur «recasou-se» com Iracy Almeida de Abreu, que «já tinha sido sua espôsa noutra encarnação». E Zarur explica que tudo aquilo era apenas um reencontro, planejado pela fôrça do Alto e que sua eleita chegou do planêta Marte, é amiga de Kardec e concorrente de Jesus.

POBREZA E NÃO-POLÍTICA

Com relação ao voto de pobreza, queremos lembrar apenas o seguinte: No dia 17-12-59 deu Zarur a seguinte notícia: «Em breve vamos festejar a redenção financeira da LBV. Só faltam 200 con-

tos e ainda menos». No dia 13-1-60 anuncia que o fazendeiro espiritualista Casemiro Radiminski, do Paraná, enviou Cr\$ 500.000,00 (500 contos) para a redenção financeira da LBV. Nos dias seguintes, entretanto, continua a choradeira pela «redenção financeira da LBV». Na noite de 10-2-60 fala Zarur: «Hoje me perguntaram quanto falta para a redenção financeira da LBV. Eu disse: faltam apenas Cr\$ 400.000,00». Poucos minutos depois repete a mesma quantia... Contradição? Não: antena do povo...

Nem admira que num dia dêses venha, do Alto, a solene dispensa do voto de pobreza. Pois o homem tem tanta facilidade de falar com Jesus...

Não acreditamos também na firmeza do voto de *não política*. «Religião e política, para mim, é a mesma coisa», afirma Zarur no dia 10-1-60. E outra vez: «Vocês já imaginaram o que a LBV faria com a subvenção do Governo? O que não faria a LBV com os recursos da política? Eu preciso de recursos. Não posso deixar a LBV pobre e sem recursos. *Se Deus mandar, eu entro na política*. Com o dinheiro do Governo é fácil fazer caridade. Imaginem a LBV com os recursos do Governo. Não haveria brasileiro com fome» (4-1-60). No outro dia insiste: «O que Deus manda, nós o faremos. Temos de dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. Ah! imaginem: a LBV com os recursos do Brasil. Não haveria brasileiro com fome. E aqueles que levam milhões, ainda nos perseguem. Mão bôba! Mão bôba! Continuem! Continuem a perseguir a LBV e ao Zarur! Zarur não presta; Zarur é isto e aquilo. Ah! os recursos do Governo na LBV! Não haveria brasileiro com fome. Ah não! Não haveria brasileiro com fome. Eu não sei

aonde a Providência me leva. Eu tenho de arranjar dinheiro, mesmo que fôr para o inferno!» Na outra noite já é mais claro: «Com Jesus eu salvo o Brasil. Eu salvo! Se fôr preciso ir à política, eu vou. Ah! eu vou! Eu preciso de dinheiro. Eu não posso ficar nesta moleza eternamente. Não temos tempo a perder. Não tenho paciência para esperar. Não vim para a moleza. Eu quero as coisas depressa. Não quero saber de moleza. Se não me acompanharem, eu tomo uma atitude extrema. Afinal, o dinheiro do Governo é do povo». E na prece final da mesma noite: «Manda, Jesus, eu obedeco. Não temos tempo a perder, como também tu não tens tempo a perder. Aproxima-se o fim do ciclo». Na noite seguinte torna a bater na mesma tecla: «A LBV é apolítica. Mas se Jesus me chamar para a política, eu vou. Não sou eu. E' Jesus que manda em mim. Por que vos afobais? Não vos afobeis! Eu dou a vida pelas ovelhas... Se fôr preciso, se fôr chamado por Jesus, eu vou entrar na política. Para ajudar a LBV eu faço qualquer negócio...» No dia 17-1-60 diz: «Desde que fundei a Legião [outras vêzes nega ser êle o fundador], a política me persegue. Já me convidaram para ser Vice-Presidente da República... Já recebi três convites para a Vice-Presidência da República. Mas não aceitei nenhum dêles. Só se Jesus mandar...»

Acredite quem quiser...

LBV REPROVADA E DENUNCIADA PELO EPISCOPADO

«Constituídos pelo Espírito Santo para reger a Igreja de Deus» (Atos 20, 18), os nossos Exmos. Senhores Bispos viram em tempo a confusão e a anarquia religiosa causada pelas palestras diárias

do Sr. Alziro Zarur e chamaram a atenção dos fiéis católicos. Em setembro de 1956 falou, por primeiro, o Episcopado Fluminense e mandou publicar o seguinte aviso oficial:

«Os Excelentíssimos e Reverendíssimos Bispos da Província Eclesiástica do Rio de Janeiro, em sua reunião ordinária do dia 10 de setembro, presidida pelo Eminentíssimo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, declararam que a Legião da Boa Vontade, cujas doutrinas não coincidem com o ensino da Igreja Católica, é uma instituição que merece reprovação do Episcopado, motivo por que de fato a denunciam publicamente».

Mais explícita foi, dois anos depois, o Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte. Numa Carta Pastoral Coletiva de 12-4-58, «Sobre alguns pontos de mais urgente interesse», os Bispos Mineiros declaram:

«E aí está, finalmente, a alvoroçada Legião da Boa Vontade, talvez a maior e a mais confusa organização (diríamos mais exatamente «desorganização») pseudo-religiosa do Brasil. Munido da mais poderosa arma de penetração de que nos possamos valer junto do povo — uma grande estação de rádio — seu chefe se arvora em pregador do Evangelho para todo o Brasil. Tem como base a mais absurda das pretensões doutrinárias: afirma que todas as religiões são boas e necessárias, como se a verdade pudesse ser assim uma coisa amorfa e amoldável a todos os gostos. Numa linguagem sentimental, eivada de termos plebeus em absoluta incoerência com a natureza elevada do assunto, vai o chefe da Legião interpretando a seu modo o Evangelho e todas as Sagradas Escrituras, atacando freqüentemente a Igreja e seus ministros e mostrando inegavelmente

sua tendência espírita, especialmente quanto à teoria da reencarnação, que êle sempre defende. Não fôsse a monotonia e o tom indisfarçavelmente insincero de suas arengas, que acabam afastando os ouvintes de bom gôsto, e o mal dessas irradiações seria muito maior. Assim mesmo é imenso o número de pessoas que continuam ouvindo e bebendo o veneno do êrro destilado no meio de textos do Evangelho e de exortações a fazer o bem, a querer bem a todos... até a Satanás, como foi explicitamente afirmado num absurdo poema «ao irmão Satanás». A Revista publicada pela Legião da Boa Vontade é então — como aliás tôda a doutrinação do chefe do movimento — um verdadeiro caso policial, pelo que contém de mistificação e de abuso da boa fé dos cristãos, enchendo suas páginas de figuras de Jesus Cristo, de Nossa Senhora, de Santos da Igreja, de Papas, Bispos e Sacerdotes, gerando tal confusão que perturba o exercício livre do culto católico garantido pela Constituição. Por isso mesmo nós os apontamos às autoridades para que não permitam tal desordem que confunde liberdade com anarquia, transpondo as legítimas barreiras da liberdade de imprensa. Porém, mesmo prescindindo dessa desejada ação da autoridade civil, repetimos a todos os nossos amados diocesanos que desaprovem e repudiem enèrgicamente êsse movimento, não permitindo entre em suas casas a revista da *Boa Vontade*, não ouvindo seus programas, não colaborando de forma alguma com suas obras. E a nossos zelosos Vigários, particularmente dos meios rurais, instamos para que alertem seus paroquianos contra tão insidiosa propaganda. Demos esmolas aos pobres, socorramos aos necessitados, mas nunca por intermédio da «Legião». Fazê-

lo seria colaborar para uma obra herética e condenada pela Igreja. O sentimentalismo não guiado pela razão é que tem levado — ao menos no início — muita gente a aderir a êsse movimento. Hoje ninguém mais pode ter dúvida sobre a natureza dêle. Para os fiéis que ainda não estivessem esclarecidos aqui fica esta nossa admoestação e orientação. *Cui resistite fortes in fide*: a tudo isso resisti, fortificando vossa fé (1 Ped 5, 9) é o que diremos perante tôda essa confusão».

Eis aí palavras claras e enérgicas de orientação para os católicos. Em substância pedem os Bispos Mineiros:

- desaprovar e repudiar enèrgicamente a LBV;
- a revista *Boa Vontade* não deve entrar em lares cristãos;
- os católicos não ouvirão os programas da LBV;
- nenhuma colaboração com as obras do Sr. Zarur.

Também outras autoridades eclesiásticas falaram e alertaram os católicos. O Sr. Arcebispo de Botucatu Dom Frei Henrique G. Trindade, O. F. M., em artigo largamente difundido pela imprensa, ponderou: «Trata-se de uma cruzada muito cômoda, de uma legião muito fácil...: Todos podem entrar, assim como são, sem nada sacrificar, sem mudar de suas idéias, creiam ou não creiam na divindade e na missão de Cristo, sigam ou não sigam seus ensinamentos, interpretem como quiserem suas palavras...»

O Sr. Bispo de Ponta Grossa, Paraná, Dom Antônio Mazzarotto, em Carta Circular, diz que «mais acertadamente se chamaria Legião da Má Vontade...» E continua: «E' uma horrenda confusão, um ecleticismo intragável, cheio de contradições, mas apre-

sentado de modo a enganar os incautos». E depois: «Parece que o demônio nunca disfarçou sua maldade com tantos requintes de aparente bondade. Nunca o espírito das trevas se manifestou com tão refulgente luz. Nunca algum lobo se vestiu tão bem e com tão vistosa pele de ovelha».

Dom Manoel Nunes Coelho, Bispo de Aterrado, M. G., em Carta Pastoral chama a LBV de «a invenção mais pérfida que o diabo descobriu». E Dom Paulo Hipólito de Souza Libório, Bispo de Caruaru, Pernambuco, lamenta ser o Brasil o pioneiro dêsse «movimento anárquico em matéria de religião, dêsse sincretismo religioso que pretende reunir adeptos da Maçonaria e do Espiritismo...»

LEGIONARIO DA LBV NÃO PODE SER CATÓLICO

Quando, no dia 5-9-59, o Sr. Zarur definiu mais claramente a posição religiosa da LBV, transformando-a em nova religião e proclamando que esta nova religião endossa a doutrina da reencarnação, ficou também mais definida a posição do católico perante a LBV e a do elebevista diante da Igreja. O Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, no programa «A Voz do Pastor», limitou então os campos. Reproduzimos aqui a primeira palestra de Sua Eminência:

«O Secretariado Nacional da Fé, em recente circular, pede seja divulgada a seguinte referência sobre a Legião da Boa Vontade. Começa por afirmar que um «Legionário da Boa Vontade não pode ser, ao mesmo tempo, católico».

E' muito séria esta asserção, mas nada tem de exagerada ou enfática, pois é simples consequência lógica de acontecimentos que ocorreram nos

arraiais da tal Legião. Ainda bem que se esclareceu, de uma vez por tôdas, a situação confusa mantida por tanto tempo, o que favorecia as mais diversas apreciações. Agora, porém, que o presidente da LBV se definiu, dizendo-se fundador de nova religião, tornou-se necessária esta nota oficial do Secretariado Nacional da Fé:

«Os Católicos dão os mais sinceros agradecimentos ao Presidente Nacional da LBV pelas últimas declarações feitas pela imprensa e pelo rádio. Os agradecimentos não se referem, evidentemente, às declarações em que o Sr. Alziro Zarur reconheceu, em público, que a Igreja Católica também pratica a caridade; que possui ela centenas de obras de assistência social e milhares de pessoas consagradas à prática das obras de misericórdia corporal; que há nela a mais perfeita caridade, qual seja a de rezar e fazer o bem pelos que a perseguem. Tudo isto já era do conhecimento público: só não sabiam disto aquêles que não têm olhos de ver, aquêles que não têm ouvidos de ouvir. Até certo ponto é desculpável a falta de conhecimento das maravilhas de caridade da Igreja Católica: ela não trombeteia, não alardeia o que faz ou pensa fazer, e tudo fica sem propaganda... Dissemos que a ignorância a respeito da Igreja Católica é até certo ponto desculpável. Melhor seria dizer: Tal ignorância é imperdoável. A Igreja, sua doutrina, suas obras aí estão qual 'Cidade posta sôbre um monte'. Os homens podem fingir ignorar a Igreja Católica, como pode fingir ignorar o apartamento em que vive, aquêles que tem interêsse em que o senhorio não exista. Nenhum civilizado pode ignorar aquela que o civilizou. Ignorar a Igreja e prescindir dela é caminhar para a barbárie. O que os cató-

licos querem agradecer ao Senhor A. Z. é a sua afirmação categórica de que *não se converteu ao Catolicismo porque é reencarnacionista*, e a Igreja Católica não admite esta doutrina. Parabéns ao Senhor A. Z. porque é a primeira vez que faz uma afirmação categórica. E' a primeira vez em que diz algo que o define. A LBV parecia querer fazer concorrência às fábricas de liquidificadores: queria liquidificar tôdas as religiões. Mas uma rocha resistiu a baldadas tentativas. O Senhor A. Z., por ser reencarnacionista, não pôde abraçar a doutrina de nenhuma denominação evangélica. Com isto êle colocou-se à margem não só do cristianismo autêntico como até das mais peregrinas doutrinas de nossos irmãos protestantes. Numa palavra, a afirmação do Sr. A. Z. colocou-o a si e a sua LBV à margem do cristianismo. De nada lhe vale dizer que fala 'de Bíblia na mão'. Os protestantes também o fazem e não admitem a reencarnação. As Testemunhas de Jeová também o fazem e negam o Deus verdadeiro, pois negam a Trindade; negam a divindade de Cristo, a imortalidade da alma, etc. etc. Os adventistas também o fazem e, apesar disso, são combatidos pelas outras denominações protestantes. Se o Sr. A. Z. não pôde abraçar a doutrina da Igreja Católica, porque é reencarnacionista e, sendo a reencarnação doutrina fundamental da LBV, devemos concluir que nenhum legionário pode ser, ao mesmo tempo, católico. O contrário seria desaprovar o Presidente Nacional da LBV».

Prezado ouvinte, escutou bem? No caso vertente não se trata de interpretar intenções, mas de tirar a mais evidente das conclusões, cujas premissas nos forneceu o próprio fundador e chefe da

Legião da Boa Vontade, o qual publicamente se confessa herege, fautor de heresia, pois que a reencarnação é doutrina herética, condenada pela Igreja Católica. Portanto, *quem abraça tal crença, melhor diria descrença, já não é católico, perdeu todos os direitos aos sacramentos, às exéquias, a missas e a quaisquer sufrágios após sua morte; não pode ser admitido como padrinho em nenhum ato religioso; enfim, incorreu em excomunhão, por ter negado a verdadeira fé.*

Para fazer caridade não há mister de apostatarse. Pelo contrário; eis a situação em que se coloca voluntariamente quem, doravante, abraçar ou permanecer na LBV. Não queira, pois, o amigo colaborar com a LBV, nem escutar sua doutrina, seja radiofônica ou em escritos, pois estará incorrendo em perigo de eterna condenação».

Até aqui as palavras do Senhor Cardeal Câmara. Permitimo-nos acentuar a proposição que foi por nós grifada. Com sua alta autoridade declara Dom Jaime de Barros Câmara: O Legionário da Boa Vontade, que aceita a doutrina de reencarnação

- já não é católico,
- perdeu todos os direitos aos sacramentos,
- perdeu os direitos às exéquias, missas e quaisquer sufrágios depois da morte,
- não pode ser admitido como padrinho em nenhum ato religioso,
- incorreu na pena da excomunhão.

A EXCOMUNHÃO DO LEGIONÁRIO

A última afirmação do Senhor Cardeal Câmara (que o Legionário «incorreu em excomunhão») mereceu numa palestra posterior de «A Voz do Pas-

tor» novos esclarecimentos. Por sua importância e pela autoridade de quem as pronunciou, reproduziremos aqui as palavras de Dom Jaime de Barros Câmara:

«Não era intento meu voltar a dizer-lhe mais nada sobre a Legião da Boa Vontade, nem sobre seu fundador e dirigente.

Acorreu, porém, tanta consulta por parte da imprensa, estações de rádio e televisão, que me julguei obrigado a esclarecer mais uma vez este desagradável assunto.

Inicialmente preciso lembrar que o termo *excomunhão* significa exclusão da comunhão dos fiéis, ou seja, eliminação de um membro da comunidade cristã ou católica. Assim é que só pode ser atingido pela sanção excomunicatória quem pertence à Igreja Católica. Ora, o Diretor da LBV, que se declarou fundador de nova religião, aliás em heresia, jamais pertenceu ao corpo da Igreja Católica, donde, pois, se segue que dela não poderia ter saído, nem à força de qualquer penalidade.

A advertência, portanto, se dirigia aos católicos, e não aos que já se encontram, infelizmente, fora da nossa Igreja.

Visava aquela admoestação a relembrar aos adeptos do nosso credo e disciplina os efeitos da excomunhão em que irão incorrer, caso abracem essa nova religião ou nela permaneçam após este aviso, o qual já houve quem alvitrasse, convém seja dado também em nota oficial da Cúria Metropolitana, para que todos os sacerdotes a leiam do púlpito.

A razão destas atitudes por parte do clero justifica-se pelo fato de ter ultimamente, em lares católicos, certa aceitação dos programas da Rádio

Mundial, veículo da doutrinação da LBV, que parecia estar se encaminhando para rumo acertado.

Eis, porém, que em comêço de setembro último [1959] o Presidente da LBV anunciou publicamente pela imprensa escrita e falada sua decisão de, «como único meio de manter assegurado o amparo da lei, dar forma jurídica à religião que já vinha simbòlicamente sendo praticada na LBV, com a Cruzada do Novo Mandamento de Jesus».

Além de se declarar instituidor de nova seita, a LBV faz questão de frisar que esta é reencarnacionista, o que significa a completa rejeição de Cristo como Redentor da Humanidade.

Como assim? estará o caro ouvinte a perguntar-me. Sim, porque a reencarnação é uma crença que admite o aperfeiçoamento de cada um, por si próprio, em sucessivas encarnações, sem precisar de redentor algum, mesmo que seja Jesus Cristo. Nega, portanto, a redenção divina, que é verdade básica do cristianismo.

Eis por que tive de alertar os católicos sobre a heresia fundamental da assim chamada nova religião da LBV, para que os fiéis a rejeitem, sob pena de incorrerem em excomunhão, cujos efeitos gerais são os seguintes:

a) o excomungado não pode receber nenhum sacramento;

b) se fôr sacerdote, é-lhe vedado ser ministro tanto da confecção como da administração de sacramentos e sacramentais;

c) é-lhes proibido assistir aos ofícios divinos, embora não à pregação da palavra de Deus, havendo, contudo, certa benignidade para os tolerados, consentindo-se em sua assistência passiva;

d) são ilícitos todos os atos do excomungado em ofícios eclesiásticos, em qualquer função, até no uso de seus antigos privilégios, perdendo, assim, tôdas as faculdades para atos legítimos eclesiásticos, como por exemplo serem padrinhos, testemunhas, etc.

e) com maior razão não pode ser eleito ou nomeado para cargo algum na Igreja, mesmo em associações de leigos, nem receber pensões eclesiásticas, honorificências ou dignidades;

f) são privados até de funerais, exéquias, missas fúnebres e outros sufrágios, preces públicas da Igreja e outros auxílios espirituais, inclusive da sepultura eclesiástica.

Se, por um lado, todos êstes tristes e lamentáveis efeitos se acham incluídos na excomunhão, por outra parte, a Igreja tudo faz como mãe, todos os meios emprega, para reconduzir o desviado, multiplicando facilitações para que, arrependido, êle se penitencie e seja absolvido».

Eis a palavra clara e final da Autoridade Eclesiástica sôbre a LBV. Não há motivos para prosseguir. Agora os católicos receberam a orientação necessária. O resto, a decisão por Cristo ou por Zarur ou qualquer outro fundador de religião, é um problema de consciência individual.

ÍNDICE

A razão destas páginas	3
Zarur: "Eu não sou dêste mundo"	4
A LBV	9
E' ou não é Religião?	11
A Nova Religião	13
Reencarnação, sim!	16
Relações com o Espiritismo	17
Borocoxô da Bíblia	19
Inferno, não!	21
Amigo do Diabo	23
Liquidificador do Cristianismo	25
Não conhece a Igreja	29
Anarquia e ditadura	31
Celibato e casamento	34
Pobreza e não-política	35
LBV reprovada e denunciada pelo Episcopado	37
Legionário da LBV não pode ser católico	41
A excomunhão do legionário	44